

**O Eu No Contemporâneo: O Privado e o Público Transformados Em Espaço
Comum Através Dos Diários Íntimos¹**

Pâmella Rochelle Rochanne Dias de Oliveira²

Maria Adriana Nogueira³

Geilson Fernandes de Oliveira⁴

Resumo

O artigo analisa a construção do “eu” nos diários íntimos, visando principalmente identificar os motivos que impulsionam a valorização do “eu” no contemporâneo, que vem ocasionado novas demarcações entre as fronteiras do privado e público. Para tanto elencamos como objeto empírico o blog intitulado Cem Homens, criado por uma jornalista, com intuito de expressar o seu desejo de ir para a cama com cem homens durante um ano, utilizando-o como diário íntimo ela retrata suas experiências e conquistas sexuais, o que acaba por quebrar a possível barreira entre o privado do público.

Palavras-Chave: Construção da subjetividade; Diários íntimos; Privado e Público.

Introdução

Na sociedade atual tornou-se constante a necessidade do indivíduo dizer quem ele é. Não que em outros tempos não houvesse essa necessidade, mas nunca tal questionamento foi tão presente. As autobiografias, conhecidas como as “escritas de si” sempre buscaram responder a esses questionamentos, bem como o autoconhecimento para uma existência plena. Os diários íntimos incluem-se entre as formas autobiográficas por ser uma escrita voltada para um “eu” que se revela e difere das demais formas confessionais por ser escrita à medida que os fatos vão acontecendo, ou

¹ Artigo apresentado no DT 08- Estudos Interdisciplinares do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste realizado de 14 a 16 de junho de 2012.

² Discente do 7º período do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

³ Discente do 7º período do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

⁴ Discente do 7º período do Curso de Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

melhor, por relatar os fatos também retrospectivamente, mas num especto de tempo muito menor. Os diários são também um retorno ao passado, de um modo geral, os diários criam a ilusão da espontaneidade e do imediatismo. A literatura confessional faz parte da necessidade atual, tanto de narrar a própria experiência, quanto de buscar na leitura confessional uma identificação com outro "eu" que se revela.

A presença cada vez mais forte dessas narrativas na sociedade contemporânea está vinculada, sem dúvida, a certa curiosidade pela intimidade que vigora na sociedade atual, e que foi impulsionada pelo advento das novas tecnologias, onde as práticas confessionais também mudaram. O papel deixou de ser usado como principal suporte para a elaboração dos diários íntimos e surgiram novos diários onde a internet passa a ser suporte, e o ciberespaço então, passa a reformular a técnica da confissão. Nesse contexto, a construção do "eu" torna-se crescente, bem como a busca exacerbada pelo secreto. Os muros que costumavam separar o privado do público atualmente sofrem sérios abalos, e cada vez mais o "eu" é espetacularizado, conforme observamos em nosso objeto empírico de estudo – *Blog Cem Homens*, espaço criado por Letícia (personagem fictícia) para relatar sua busca em ir para a cama com cem homens (título do *blog*) em um ano, descrevendo todas essas experiências de forma detalhada, o que como será visto tece uma escritura de si, fundamentada principalmente pelo aspecto confessional abordado por Foucault (1988), bem como atravessando as fronteiras que delimitam o privado e o público.

Autobiografias e a curiosidade pelo outro eu

O instinto autobiográfico é tão antigo quanto à escrita, no entanto, o mesmo só começa a se fortalecer enquanto gênero a partir do estabelecimento da sociedade burguesa e da difusão da noção de indivíduo, ou seja, quando, no Ocidente, o homem adquire a convicção histórica de sua existência, sendo somente a partir do século XVIII que começam a florescer os primeiros relatos autobiográficos ou o gênero confessional.

Segundo o historiador Peter Gay, a valorização da privacidade impulsiona o aparecimento, nesta época, de uma infinidade de novelas, diários e autobiografias. É, portanto, após a conquista da privacidade que a literatura íntima passa a registrar o "eu" como presença singular no mundo.

Apesar de o início da escrita confessional estar vinculado ao século XVIII e sua afirmação ter sido possível apenas no século seguinte, seu apogeu dá-se no início do século XX. Neste século têm-se uma proliferação da literatura íntima, sobretudo, de diários íntimos, digerida por uma grande massa de leitores interessados no secreto. Estes leitores, com apetite de *voyeur* acreditam entrar na intimidade e devassar segredos invioláveis do autor.

O diário de Anne Frank (1958), título mais famoso do gênero no Ocidente, é um claro exemplo sobre o interesse que um texto confessional pode suscitar no público leitor. Este diário, que já vendeu mais de 25 milhões de exemplares, é um relato em primeira pessoa de uma adolescente judia escondida da fúria dos nazistas por vinte e cinco meses. Seu sucesso editorial é fruto tanto das circunstâncias históricas em que foi produzido, quanto da sua forma narrativa. Conhecer o cotidiano e a intimidade de uma adolescente judia nos sombrios anos da Segunda Guerra Mundial por meio de seu diário íntimo é sem dúvida uma experiência única. Percebemos que este diário, além de saciar nossa curiosidade histórica também nos impulsiona a refletir na cotidianidade, sobre a condição humana e o sentido da vida.

A escrita de si tornou-se uma prática habitual na sociedade, no entanto, o suporte onde elas são produzidas vão se modificando no decorrer do tempo, novas configurações vão surgindo, pois é perceptível a atual expansão das narrativas biográficas nas mais diversas mídias, principalmente na internet. É notável uma intensa apreciação da realidade contada por outro “eu”, tendo em vista que os mais diversos relatos têm recebido grande atenção do público.

A não ficção tem conquistando nos últimos anos um espaço que antes era ocupado exclusivamente pelas histórias de ficção. Observamos com isso que houve um deslocamento de interesse, ou melhor, um deslocamento em direção à intimidade, por ambientes considerados privados.

Os acontecimentos relatados nas autobiografias são considerados autênticos e verdadeiros, talvez porque suponhamos que são experiências íntimas de um indivíduo real, um ser sempre único e original.

É nesse contexto que as vendas de biografias/diários íntimos aumentam em todo o planeta, excedendo os limites de um fenômeno mercadológico para evidenciar uma peculiar tendência contemporânea: a crescente valorização pelas *vidas reais*.

A Construção do eu: conversão do espaço privado e público em territórios comuns

Com o advento das novas tecnologias, mudou-se a base utilizada para a feitura das escritas de si, o diário íntimo abdicou do papel como suporte principal, passando a utilizar logo após o surgimento da internet, este novo campo como lugar de construção de suas subjetividades. Tal ocorrência modificou drasticamente o caráter intimista e pessoal desses diários, uma vez que deixaram de ser feitos somente para si. O outro agora é o alvo principal para a constituição do eu. E o que antes era ligado ao particular/privado do indivíduo, como suas histórias, vivências e confissões, agora está a disposição de todos aqueles que acessam a imensa rede virtual. O público adquire *status* em detrimento do privado, acontecimento contrário ao que era visto até bem pouco atrás.

A espetacularização do eu sempre existiu, mas foi só a partir do final do século XIX que tal prática teve profusão. As autobiografias, baseadas nos diários íntimos já eram formas de buscar-se a identificação por parte de outros, era como se fosse necessário falar sobre si, dizer quem é para ganhar existência, da mesma forma que uma obra literária só passa a existir quando lida. Tirando-se desses sujeitos a opção de dizerem quem eram, os direitos de confissão, impunha-se o silêncio e, porque não, também a inexistência. As formas em que operam essas confissões são abordadas por Foucault (1988). O mesmo atesta que tal prática passou a ser, no Ocidente, “uma das técnicas mais altamente valorizadas para a produção da verdade, tornando a nossa sociedade singularmente confessanda” (p. 59). Para ele, essa confissão adquire um caráter daquilo que é verdadeiro, tendo efeito “não em quem o recebe, mas sim, naquele de quem é extorquido” (p. 62). É como se quando confessássemos algo, retirássemos de nós um peso, onde estavam presentes os medos. Essa necessidade, na contemporaneidade ganha cada vez mais impulso, as confissões nunca foram tão valorizadas. Mas, houve uma mudança, agora ela se abre para outros domínios, e quanto mais espetacular for essa confissão, mais visibilidade o sujeito terá.

Dessa forma, a construção do eu extrapola o espaço privado. E a publicização de quem eu sou, passa a ser um modo privilegiado pelo qual se passa a existir. A vida é então transformada em um relato, em uma narração de si mesmo que expressa uma subjetividade que possibilita uma auto-afirmação para si e para os outros. Nessa perspectiva, o indivíduo, com todas as suas especificidades é construído, e a internet com seus *blogs*, *fotoblogs* e inúmeras redes sociais, tem sido utilizada constantemente

para essas composições, que cada vez mais recorrem ao sensacional, para que além de serem vistos, esses “*eus*” também façam sucesso.

A vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potenciais e as fronteiras entre o privado e o público vão então aos poucos se diluindo, uma vez que é observada uma peculiar inscrição na linha entre o extremamente íntimo e o absolutamente público, como veremos mais adiante na análise de nosso objeto empírico.

O confessional no contemporâneo - blogs autobiográficos

As escritas de si e a antiga prática da “confissão”, traçada por Foucault (1988) em sua obra *A vontade de saber*, ganham um novo suporte, onde se desenvolvem de maneira mais intensa, deixando de ser algo apenas particular para se tornar visível, através de novos cenários surgidos a partir da internet, no nosso caso específico, os blogs.

A origem dos primeiros blogs remonta da década de 1990, existindo quatro diferentes hipóteses: A primeira diz que o surgimento veio por meio de Tim Berners Lee em 1991 com a criação do primeiro weblog no formato de um site, a segunda defende que Dave Winer considerado o pai dos blogs teria lançado o seu em 1996 como parte de um site “24 hours of Democracy”, a outra afirma que Jorn Barger em 1997 tratou como blog uma página em que reunia as notícias em circulação que julgava mais importantes, e a quarta possibilidade defende que foi uma criação da empresa “PyraLabs” em 1999, que aperfeiçoou a interface tornando os blogs mais populares e próximos dos internautas.

Com o passar do tempo os blogs foram espalhando-se e sendo usados em diferentes versões: como divulgadores de eventos, publicidades, jornalísticos, informativos especializados e espaço responsável por registrar a vida dos indivíduos, tornando-se *ciberdiários*, que se diferenciam dos diários convencionais, com caráter íntimo e particular, devido a sua característica de divulgação dos fatos cotidianos e particulares para uma grande massa que está conectada a rede.

A escrita de si e a supervalorização da intimidade passaram a ser habituais, estando cada vez mais presentes e valorizados na rotina social, de acordo com Sibilía (p.

05, 2003), os sujeitos modernos passaram a modelar a própria subjetividade através de um mergulho introspectivo da hermenêutica incessante de si mesmo, onde se faz necessário narrar uma história e criar um eu. Assim também afirma André Lemos ao dizer que:

A vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potencias. E não se trata de nenhum evento emocionante. Não há histórias, aventuras, enredos complexos ou desfechos maravilhosos. Na realidade, nada acontece, a não ser a vida banal elevada ao estado de arte pura. A vida privada, revelada pelos webcams e diários pessoais, é transformada em um espetáculo para olhos curiosos, e este espetáculo é a vida vivida na sua banalidade radical. (LE MOS, p. 50, 2002)

Diante desse novo momento que desemboca na espetacularização da intimidade através das inúmeras possibilidades do sujeito em construir e desconstruir sua própria subjetividade, utilizando-se como plataforma para se erguer, a esfera das redes sociais, de forma específica os blogs, surgem a cada dia mais indivíduos dispostos a exibir sua intimidade em troca de serem vistos e aceitos, partindo do pressuposto de que precisam afirmar-se para então construírem-se, o que já era apregoadado por Nietzsche em sua autobiografia:

Parece-me indispensável dizer quem sou. [...] a desproporção entre a grandeza da minha tarefa e a pequenez de meus contemporâneos manifestou-se no fato de não me ouvirem, sequer me viram. [...] quem sabe respirar o ar de meus escritos sabe que é um ar das alturas, um ar forte. É preciso ser feito para ele, senão há o perigo nada pequeno de se resfriar. (NIETZSCHE, Friedrich, Apud. SIBILIA, p. 02, 2003)

Diante desse mesmo pensamento, de que é preciso mostra-se para dizer quem se é e assim ser aceito, é que surgem os inúmeros diários on-line - blogs. Nesta nova forma de construção da subjetividade é possível perceber claramente a grande exibição do indivíduo, e um exemplo disso é visto no blog *Cem Homens* – nosso objeto empírico de análise. O blog foi Criado em fevereiro de 2011, por uma jornalista de 30 anos que mora em São Paulo, e se apresenta sob o pseudônimo de Letícia Fernandez, que tem como objetivo principal através desse diário íntimo, relatar sua decisão de ir para a cama com 100 homens em um ano e descrever suas experiências sexuais com cada um.

Eu até preferiria começar esse quem sou eu, dizendo que é porque sou muitas mulheres em uma só. Mas não, eu não vou recorrer ao clichê. O motivo é bem simples: não sou tudo isso. Quisera eu! Sou apenas uma garota normal de cidade grande, 30 anos, escorpiana e que gosta muito de sexo (os astrólogos diriam que estas duas últimas informações são redundantes). A minha diferença para tantas garotas iguaizinhas a mim que existem por aí? Eu tenho um blog. Só isso. E eu espero que você goste dele. (Texto do perfil do blog, onde é respondido a pergunta “Quem eu sou”)

No trecho acima, que é apresentado no perfil do blog, percebe-se que *Letícia* deseja falar um pouco sobre quem ela é e expor o que a faz diferente. Assim como Friedrich Nietzsche (2003), ela sente desejo de por em evidência o que a faz ser quem é, ainda que não use sua identidade verdadeira. No fim de seu texto ao dizer que sua única diferença entre as outras garotas é que possui um blog, ela retoma a fala de Sibília (2003) ao declarar que, “a popularização das tecnologias e das mídias digitais tem ajudado a concretizar os novos sonhos de auto realização, permitindo registrar todo tipo de cenas da vida privada com facilidade, rapidez e baixo custo”.

Nas postagens feitas em *Cem Homens* percebemos o modo como se expõe a intimidade da sua escritora, contendo descrições e detalhes de sua vida sexual e ainda espaço para comentários, além de textos sobre aspectos sexuais com o intuito de dar sua opinião sobre o assunto. *Letícia* faz relatos sobre sua vida íntima expondo sua subjetividade, que se constrói para saciar seu suposto desejo por notoriedade.

Falo de três homens com quem saí esse ano. Minhas leitoras antigas ficam suspirando por um deles, o Eduardo. Ele tem um corpo super em forma, mas não é – mesmo – bonito de rosto. O carinha com quem me reencontrei, por exemplo, tinha uma barriga tanquinho, mas usava pesados óculos (quando os tais óculos não eram modinha) para os seis graus de miopia. Namorado é baixinho, mas abre a boca de uma maneira surrealmente linda quando está a poucos momentos do orgasmo. (Postagem publicada em 30 de setembro de 2011).

A forma acessível e íntima como a escritora do blog conta suas aventuras e experiências sexuais para os leitores, faz parecer que ela está conversando com uma amiga, com quem não tem nenhum segredo e pode mostrar-se como verdadeiramente é sem medo de ser tida como incomum, apesar dessa diferença ser exatamente o que a torna tão interessante. É a subjetividade da autora com seus pensamentos e desabafos que a faz atraente e torna seu discurso dissidente, um espetáculo aos olhos curiosos. Com esse mesmo discurso *Letícia* acaba por quebrar alguns estereótipos sociais,

construindo uma nova subjetividade feminina, que até então na sociedade contemporânea não era comum. A autora traz consigo novos pensamentos e formas de considerar sua sexualidade, o que rompe com todas as regras estabelecidas desde a sociedade Vitoriana onde segundo Foucault (1988), o sexo passou a ser assunto discutido apenas no quarto do casal, sendo tratado em qualquer outra situação como uma patologia. As postagens desse blog e sua finalidade afirmam o que Turkle (1997) pensa ao dizer que a internet “liga milhões de pessoas em novos espaços que estão a alterar a forma como pensamos a natureza da nossa sexualidade, a organização das nossas comunidades e até mesmo a nossa identidade” (p. 11). Esta afirmação torna-se bem clara ao nos depararmos com as postagens feitas por Letícia, nas quais ela descreve de maneira totalmente clara suas experiências sexuais e trata seus parceiros como meros contribuintes.

Número 1: Namorei com o rapaz quando tinha 18/19 anos. Ele não me beijava na boca depois de eu comer algo; eu tinha de escovar os dentes ou comer uma balinha. É, se ele tinha nojo de comida, imaginem o que acontecia depois de um boquete. Eu era bem inexperiente, mas já achava bem esquisito esse lance de ele não fazer sexo oral em mim (olha o nojo aí mais uma vez). Terminei o namoro e segui minha vida. (Postagem publicada em 28 de setembro 2011)

Seguindo a afirmação de Turkle (1997), no blog *Cem Homens* Letícia acaba por alterar a forma como a sociedade em geral pensa a respeito da sexualidade feminina, uma vez que no pensamento comum a mulher deve ser sigilosa quanto a sua vida sexual e assim se dar ao respeito, deixando para o homem o papel de ostentar. O que acontece no blog é totalmente o contrário, a escritora expõe suas experiências sexuais descrevendo-as e criticando quando não são como espera. Outro detalhe interessante é que autora identifica seus parceiros por números, sem dar importância a quem são, como podemos observar na seguinte postagem, “A melhor transa até agora: o número 3” (Fragmento de postagem publicada em 27 de julho de 2011). A forma como *Letícia* constrói sua subjetividade e expõe sua sexualidade fazendo da mesma um espetáculo aos olhos dos leitores, é uma maneira criativa de conseguir ser vista e notada por uma grande massa. Por submeter sua subjetividade a milhões de pessoas que navegam pela rede, a autora consegue atrair um grande público, especialmente por que o tema por ela tratado é algo que desperta interesse nas pessoas. O que retoma o pensamento de Schittine (2004).

No escrito íntimo – como o diário na internet, em que vale a rapidez, a concisão e a compreensão do tempo – é preciso buscar meios individuais muito criativos para não passar ao largo da memória alheia. É como se todos os que escrevessem tivessem, de repente, em grande destaque e uma das coisas mais difíceis para cada um deles fosse fazer seu “solo” sobressair diante desses refletores. (p.150)

Em todas as postagens do blog a autora supervaloriza suas experiências, atraindo os leitores curiosos. Diante desse desejo de se colocar a exposição volta à antiga questão discutida por Nietzsche no início de sua autobiografia “Como alguém se torna o que é?”. Foi a partir desse questionamento que o pensador desenvolveu sua obra em busca de se afirmar, e a partir dessa mesma pergunta inúmeros indivíduos tentam construir suas auto representações tendo como suporte a internet.

Cem Homens foi criado, segundo Letícia, não só para relatar seus casos e contar suas histórias sexuais, mas para que ela não esqueça dos homens com quem tem relações sexuais, tal afirmação choca os leitores e quebra uma espécie de consenso social, que Foucault (1988) afirmava ao dizer que, “a sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a inteiramente, na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo, se cala”. Tal clamor pode ser percebido nos comentários do *blog*, e dar-se por fazermos parte de uma sociedade em que uma mulher deve saber exatamente quem foram os homens que conheceu, caso contrario será vista como vulgar. Letícia acaba por tentar romper com as regras de condutas sociais, criando sua própria representação através de um diário íntimo e de um perfil falso, onde ao se expor para um grande contingente de pessoas perde o receio de ser mal interpretada.

Em todo o blog encontra-se a exibição espontânea da vida íntima. Ainda que seja com um nome falso, a idealizadora expõe sua intimidade e dos seus vários parceiros, e ainda relata sobre esse assunto que muitas vezes é tabu em nossa sociedade – o sexo, fazendo disso uma espécie de espetáculo que causa no internauta desejo de conhecer e acompanhar as postagens .

Inicialmente o blog tinha 4 mil acessos diários, que passaram para 10 mil, depois para 30 mil, registrando um pico de até 200 mil acessos, o que mostra o quanto a sociedade atual não só quer mostrar-se como ver o “que”, ou, “quem” está a mostra.

Considerações Finais

Os relatos de si tornaram-se presença constante nos espaços virtuais, diariamente milhares de *blogs*, *fotoblogs*, etc. são feitos. A vida cotidiana passou a ser além de vivida, contada por completo, e a sociedade contemporânea impera que para ser visto e reconhecido é preciso ser espetacular, sensacional. Se esse *eu* não for visto, ele simplesmente deixa de existir.

Seguindo as mudanças que ocorrem em todos os âmbitos – marcados pela aceleração, a virtualização, a globalização, a digitalização – as narrativas do eu e as escrituras de si também passam por profundas mudanças. O *eu* particular já não é mais suficiente, o privado torna-se assim público, e a vida comum transforma-se em algo espetacular, compartilhada por milhões de olhos potenciais.

Em *Cem Homens*, é visto que esse espaço funciona como um refúgio onde é possível ser “si mesmo”, que possui uma necessidade de narrar uma história e de criar um *eu*. Essa tendência de exposição da intimidade que se prolifera, busca satisfazer tanto a um *eu* particular, como a uma vontade geral do público que é conhecer a intimidade do outro, aquilo considerado particular, indivisível.

Referências

FOUCAULT, Michel. História da sexualidade I: a vontade de saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988, 13. Ed.

FRANK, A. Diário de uma jovem. 2. ed. Tradução de Yolanda Steidel de Toledo. São Paulo: Mérito, 1958.

GAY, P. O coração desvelado. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

LEMONS, André. A arte da vida: diários pessoais e webcams na Internet. XI COMPÓS. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2002.

SIBILIA, Paula. O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SIBILIA, Paula. A intimidade escancarada na rede, blogs e webcams subvertem a oposição público/privado. Anais do 26. Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom].

SIBILIA, Paula. O "eu" dos blogs e das webcams: autor, narrador ou personagem?. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004. Porto Alegre. Anais... São Paulo: Intercom, 2004. [cd-rom].

SCHITTINE, Denise. Blog: comunicação e escrita íntima na Internet. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

TURKLE, Sherry. A vida no Ecrã. A identidade na Era da Internet. Lisboa: Relógio d'Água, 1997.

Sítios Eletrônicos:

Blog Cem Homens - <www.cemhomens.com>. Acesso de 29.09.11 a 06.10.11.